

VIDA DIVERTIDA E CRISE ECONÔMICA EM RIO BRANCO: ENTRE AS PRIMEIRAS INICIATIVAS ESPORTIVAS E UMA CASA DE DIVERSÕES (1910-1914)**Recebido em:** 10/12/2024**Aprovado em:** 19/04/2025**Licença:** *Joyce Nancy da Silva Corrêa¹*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-4240-2211>*Flávia da Cruz Santos²*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-9376-2252>

RESUMO: Esse trabalho discute um pouco da vida divertida em meio à crise econômica na cidade de Rio Branco, capital do estado do Acre, entre os anos 1910 e 1914. São focalizadas as primeiras iniciativas esportivas, que se deram em torno das corridas de cavalo, a pé e de bicicletas, e o Bar Acreano, que se constituía em uma verdadeira casa de diversões. Como fontes foram utilizados os periódicos Folha do Acre e O Acre.

PALAVRAS-CHAVE: Divertimentos. Esporte. Rio Branco. Século XX.

FUN LIFE AND ECONOMIC CRISIS IN RIO BRANCO: BETWEEN THE FIRST SPORTS INITIATIVES AND NA AMUSEMENT HOUSE (1910-1914)

ABSTRACT: This study examines aspects of leisure life amidst the economic crisis in the city of Rio Branco, the capital of the state of Acre, between 1910 and 1914. It focuses on the early sporting initiatives, particularly horse racing, foot races, and bicycle races, as well as the Bar Acreano, which served as a prominent house of entertainment. The sources utilized are the periodicals Folha do Acre and O Acre.

¹ Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017). Mestre pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (2019). Especialista em docência pelo Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Arcos (2020). Doutora pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (2024). Professora de Educação Física na Educação Básica da Prefeitura de Belo Horizonte e integrante do grupo de pesquisa Diverte.

² Professora no Departamento de Educação Física (DEF) e no corpo permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou pesquisa de pós-doutorado no Centre Lucien Febvre da Université de Franche-Comté, (UFC), França, com bolsa Capes (sob supervisão de Paul Dietschy). Líder do grupo de pesquisa do CNPq: DIVERTE: Laboratório de História do Lazer e do Esporte.

KEYWORDS: Entertainment. Sports. Rio Branco. 20th Century.

Apresentação

Ocupado basicamente por populações indígenas até o início da década de 1880 (Sobrinho, 1947), isolado do Brasil, com condições precárias de vida para seus moradores e envolto em conflitos armados, o Acre só se tornou território brasileiro em 1903, com a assinatura do Tratado de Petrópolis entre Brasil e Bolívia. Sua ocupação por populações não indígenas foi tardia e rarefeita, quando comparada aos outros estados da região Amazônica (Klein, 2013, p. 47).

Rio Branco, sua capital desde 1920, foi inicialmente chamada de Volta da Empreza. Era um pequeno povoado até 1904, quando foi elevada à categoria de vila, assim permanecendo até 1912, quando passou à condição de cidade. Cortada pelo rio Acre, que a divide em duas partes, precisava adaptar seus meios de vida e de transporte aos movimentos do rio, que na época da cheia alagava parte da cidade, e quando da seca não permitia a navegação senão de pequenas embarcações, comprometendo, assim, o transporte de pessoas e de mercadorias.

A cidade de Rio Branco, assim como todo o Acre e os demais oito estados que compõem a Amazônia Legal, tem sua formação e desenvolvimento ligados ao extrativismo e à exportação do látex da seringueira – matéria-prima da borracha (Silva, 2019; Bezerra, 2006). Tal produto era o segundo mais exportado do país, ficando atrás apenas do café, durante um período que se estendeu do final do século XIX até 1913. Entre 1901 e 1910, o látex significava 28,2% de toda a exportação brasileira (Carneiro, 2014, p. 239). As dinâmicas da capital rio-branquense como a migração, o tamanho da

população e sua composição, o comércio, as associações e a vida divertida se davam em relação estreita com o mercado da borracha.

O comércio do látex, quando no auge, entre os anos de 1880 e 1910, atraiu diversas pessoas em busca de enriquecimento rápido, com destaque para a migração de cearenses, que fugiam da seca. Em 1904, havia, aproximadamente, 1.389 pessoas vindas do Ceará em Rio Branco, o que representava 58,45% da população total da cidade (Klein, 2013). Havia, ainda, migrantes de outras cidades brasileiras e de outros países, como sírios, portugueses, bolivianos e armênicos (Menezes; Fernandes, 2005; Pontes, 2014). Naquele contexto, portugueses e sírios constituíram colônias na cidade e tiveram participação no desenvolvimento dos divertimentos.

De acordo com dados do IBGE, em 1910, a cidade de Rio Branco somava uma população de 23.340 pessoas e era composta, majoritariamente, por homens, que representavam 69% dos habitantes, enquanto as mulheres representavam 31%. Em sua maioria, esses homens e mulheres eram solteiros (IBGE, 1927). Dados esses que são explicados pelo extrativismo do látex, pelo movimento migratório que o mesmo suscitou, principalmente de homens jovens solteiros, e pelas difíceis condições de vida da cidade.

O Brasil era o único exportador de látex até os anos 1900, quando países asiáticos entraram no mercado internacional causando queda contínua no preço da borracha, e levando a região amazônica a uma crise econômica. A partir de 1913, ocorreu o recrudescimento de tal crise, pois a produção de látex dos países asiáticos ultrapassou a brasileira fazendo com que a participação da Amazônia Legal no mercado internacional caísse progressivamente até meados da década de 1930 (Fonseca, 1950; Klein, 2013; Santos, 1980; Weinstein, 1993; Bueno, 2012).

Apesar da crise e de suas repercussões negativas, inclusive sobre o ramo dos divertimentos (futebol), houve também uma diversificação da vida rio-branquense. Do ponto de vista comercial, novos ramos de negócios tiveram início, como o das castanhas, da agricultura, da pecuária, e o dos divertimentos (Weinstein, 1993). Em meio à crise, surgiram na cidade cinemas e casas de diversões, bares, casas de jogos, de festas, clubes de futebol, entre outras associações e práticas esportivas. Não é que esses estabelecimentos não existissem antes da crise, mas o fato de elas continuarem a surgir durante esse período é significativo.

É um pouco dessa vida divertida em meio à crise econômica na cidade de Rio Branco, que pretendemos discutir nesse trabalho, focalizando as primeiras iniciativas esportivas, que se deram em torno das corridas de cavalo, a pé e de bicicletas, e o Bar Acreano, que se constituía em uma verdadeira casa de diversões. Como fontes foram utilizados os periódicos Folha do Acre e O Acre.

As Corridas: Primeiras Iniciativas Esportivas (1910-1914)

Quando as corridas hípicas começaram a acontecer em Rio Branco, em 1910, não havia ainda na cidade um clube de corridas ou um hipódromo como, aliás, aconteceu em diferentes cidades brasileiras. Mas havia páreos, *poules*, apostas e prêmios em dinheiro. Apesar de haver planos³, um hipódromo nunca chegou a se efetivar na cidade. Durante o ano de 1911, as corridas aconteceram na avenida Sete de Setembro, e em 1912 o percurso era da rua África ao Pavilhão Rio Branco. No que diz respeito a um clube, foi fundado o Sport Acreano que organizou corridas entre os anos de 1911 e 1912.

³ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 21 mai. 1911, p. 2.

Ainda que não tenhamos detalhes quanto aos organizadores do Sport Acreano, sabemos que os proprietários dos animais de corrida eram todos empresários seringalistas da cidade: Neutel Maia, Manuel Vasconcelos, Miguel Soares, Antônio Febronio e Victor Porto. Estes mesmos homens, provavelmente, eram também os organizadores do clube, pois tal prática estava associada às pretensões de *status* e distinção das elites, além de demandarem altos investimentos na aquisição de cavalos de corrida.

Justamente devido à falta de tais animais na cidade, as corridas contaram também com páreos de burros, cuja premiação era, no máximo, a metade do valor do prêmio das corridas de cavalos. A falta de animais adequados para as corridas, também era um problema nas cidades de Porto Alegre (Pereira, Silva, Mazo, 2010) e São Paulo (Santos, 2023), onde os *sportmens* adquiriam cavalos diretamente da Europa e da região platina. Ainda assim, por vezes, os clubes de corridas realizavam provas com poucos animais, o que fazia com que o número de apostas e de público fosse menor, em relação às corridas com número maior de cavalos.

Para superar esse problema, e evitar assim, corridas esvaziadas, o Sport Acreano realizava páreos com burros, e páreos com cavalos, nas mesmas corridas, que contavam sempre com a presença de “extraordinária concorrência” e “extraordinária animação”. O que demonstra, que a estratégia dos rio-branquenses de fazer correr burros, além de cavalos, logrou êxito.

Uma das primeiras iniciativas do Sport Acreano, foi a organização de uma corrida, na avenida Sete de Setembro, em homenagem à República Portuguesa. O jornal Folha do Acre destacou que “tiveram grande realce as brilhantes festas que a colônia lusa, domiciliada nesta cidade, aqui levou a efeito, solennisando a gloriosa data do

evento da república em sua pátria”⁴. Apesar de tal colônia ser composta por apenas seis portugueses (Melo; Marques, 2008), não admira a realização de tal homenagem, pois Victor Porto, o empresário seringalista mais importante da cidade, proprietário de cavalos de corrida e também um possível organizador do clube, era português.

A colônia portuguesa contribuiu para a organização dos divertimentos na cidade, tanto das corridas de cavalo, quanto da fundação, em 1912, do “Sport Recreativo Acreano, destinando-se a propagar n’esta cidade o exercício physico de recreio, e promover outros divertimentos públicos”⁵. Conhecer qual foi o papel desses imigrantes europeus na organização dos divertimentos na cidade, é importante elemento para melhor compreensão de sua estruturação e dinâmica.

As notícias sobre as corridas, a princípio, estavam presentes na coluna “Associativas” do jornal Folha do Acre, após as primeiras experiências das corridas, no entanto, tais notícias passaram a constituir a coluna “Hippicas”. À medida que a prática esportiva foi se enraizando na sociedade riobranquense, surgiu a coluna “Folha Sportiva”, dedicada exclusivamente aos esportes, que ganhavam cada vez mais espaço nas colunas, devido à força de sua presença na cidade.

O dia das corridas hípicas era sempre um dia festivo, em que havia também queima de foguetes, salva de tiros, sessão cívica, almoço e baile⁶, além de apresentações musicais da banda da força policial, que tocava nos intervalos dos páreos⁷. Essas ocasiões ficaram ainda mais divertidas, quando as corridas a pé foram inseridas no programa, em julho de 1912⁸.

⁴ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 08 out. 1911, p. 1.

⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 jun. 1912, p. 3.

⁶ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 24 set. 1911, p. 1.

⁷ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 21 ago. 1910, p. 3.

⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 jul. 1912, p. 2.

Inicialmente, no entanto, as corridas a pé contavam com um programa exclusivo, em que havia *poules*, apostas, apresentação de uma orquestra musical nos intervalos dos páreos, venda de ingresso e grande público⁹:

realisou-se a primeira festa promovida por tão útil instituição, tendo decorrido em meio do maior entusiasmo. Essa festa consistiu em corridas pedestres, tendo sido organizados quatro pareos, de 3 corredores cada um e mais um pareo de honra em que tomaram parte os vencedores dos primeiros [...] O publico numeroso rodeava por vezes a mesa das poules, cuja venda attingiu a uma importância relativamente elevada¹⁰.

Para a segunda festa de corridas pedestres, o prefeito mandou limpar o local onde elas aconteceriam. O Sport Recreativo Acreano construiu uma pista de 200 metros, mais adequada às corridas, com um alpendre para resguardar o público do sol, no qual foram colocadas cadeiras e bancos destinados à assistência. Além disso, foi necessário que o prefeito aumentasse o número de canoas que realizava o transporte de uma margem à outra do rio Acre, para atender ao público que desejava assistir às competições, o que é um indício de como os divertimentos modificavam a dinâmica da cidade.

Não é possível saber, exatamente, quem compunha esse público, mas é certo que havia alguma diversificação em sua composição. O prefeito da cidade era presença constante na cena divertida, o juiz de direito da cidade, os militares do exército, de diferentes patentes – que a essa altura representavam 3% da população da cidade¹¹ -, membros das colônias portuguesa e síria, além das famílias, cuja presença era sempre notada pelos cronistas. A presença de mulheres e de crianças, não era destacada, assim como suas vestimentas ou comportamentos. Mas é possível saber que elas estavam lá, seja como membros das famílias ou quando, por algum motivo, sua presença ganhava

⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 jun. 1912, p. 3.

¹⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 jun. 1912, p. 3.

¹¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1927.

relevo, como no conflito ocorrido nas corridas hípica e pedestres realizadas no domingo, 14 de julho de 1912:

E logo dirigiu-se às famílias que se achavam a pouca distância do referido grupo, indo dizer-lhes em altas vozes que *era homem para um milhão!* Então, algumas senhoras em sobressalto pediram ao valente que nada fizesse, que se acalmasse.¹²

Ainda que discursos em torno da modernidade, da civilidade e do progresso não fossem mobilizados para justificar a necessidade de práticas e de comportamentos tidos como adequados, eles eram demandados daqueles que estavam na cena pública:

Não deixamos, todavia, de lamentar que as exmas. famílias que se acharam na ocasião do incidente, tivessem sido tão grosseiramente desconsideradas por um cavalheiro que pela posição que ocupa na sociedade devia guardar a máxima compostura, principalmente em público.¹³

Apesar do grande sucesso de suas ações, o Sport Recreativo Acreano encerrou suas atividades em 1913, sem deixar pistas das razões de seu fim, ainda que seja possível inferir que a crise econômica, cujos efeitos a essa altura já repercutiam sobre a cidade e seus moradores, tenha tido influência, tornado as corridas financeiramente desvantajosas e levando os empresários seringalistas a diversificarem seus negócios.

Neutel Maia, um dos proprietários dos animais de corrida, diversificou seus ramos comerciais para a criação animal, a produção de castanha do Pará e inaugurou um estabelecimento de jogos legais, o *Empreza Club*. Victor Porto, outro nome de destaque na promoção das corridas, ampliou seus negócios para os ramos da indústria e dos serviços, abrindo uma fábrica de gelo, uma padaria¹⁴ e uma firma de manutenção que passa a prestar serviços para a Intendência Municipal¹⁵.

¹² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 jul. 1912, p. 1.

¹³ Idem.

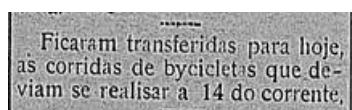
¹⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 04 abr. 1915, p. 2.

¹⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 25 abr. 1915, p. 2.

No ano seguinte, a cena divertida da cidade foi animada por uma grande e moderna novidade: uma corrida de bicicletas que contou com cinco páreos. Organizada pelo efêmero Grêmio Sportivo, a corrida se deu em comemoração à Tomada da Bastilha, importante data para os franceses, que não estavam presentes na cidade, não havendo colônia francesa ou mesmo qualquer pessoa de tal nacionalidade em Rio Branco. No entanto, a importância da Tomada da Bastilha para a história mundial, pode explicar os festejos, que evidenciam as conexões dos riobranquenses com o resto do mundo, apesar de seu afastamento geográfico do centro do Brasil e da Europa, que a essa altura ainda se constituía em importante referência cultural. Nesse sentido, o uso de expressões francesas pelos jornais, como *pourquoi pas*, *toilettes* e *rendez-vous* se constitui em mais um indício de tais conexões.

A corrida teve o Sport Bar como referência, pois foi de lá que se deram a largada e a chegada dos corredores, e diante do qual foi construída uma arquibancada para as “exmas famílias e o público em geral”¹⁶. A existência do Gremio Sportivo estava ligada ao Sport Bar, que foi sua sede durante os poucos meses de sua existência. Além disso, o proprietário desse estabelecimento, Francisco Leite, era também o vice-presidente da associação, além de funcionário da prefeitura, onde trabalhava com outros membros da associação. A corrida, entretanto, só ocorreu cinco dias depois, conforme anuncio no Folha do Acre:

Imagen 1



Fonte: Folha do Acre, 19 jul. 1914, p. 2.

¹⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 12 jul. 1914, p. 3.

Não é possível saber, no entanto, como se passou tal evento esportivo, pois não há qualquer vestígio nas fontes consultadas. Essa foi a única corrida de bicicletas de que os jornais da cidade deram notícias. No entanto, chama a atenção o grau de organização de tal corrida. Houve cinco juízes de partida, cinco juízes de chegada, seis árbitros, doze juízes de raia, quatro diretores das corridas, além de nove corredores, e das medalhas para a premiação dos vencedores.

A existência de uma agremiação organizadora, somada ao número de pessoas envolvidas, bem como a existência de um espaço próprio para os expectadores, são indicativos da tentativa de estruturação do esporte na cidade. Também é digna de nota, a existência de bicicletas em Rio de Branco, tendo em vista não apenas seu valor, mas também as dificuldades para fazê-las chegar à cidade.

Todos os membros do Grêmio Sportivo eram funcionários públicos municipais, que estavam atentos aos códigos de modernidade em voga no momento. A bicicleta era um artefato industrial e um importante símbolo desse processo de modernização, ao qual a capital rio-branquense desejava se vincular, apesar da falta de discursos nessa direção. Ambos, o bar e o clube, encerraram suas atividades por volta de setembro de 1914.

Bar Acreano: Uma Casa de Diversões (1910-1913)

Um lugar de destaque na promoção de diversões na cidade foi o Bar Acreano, de propriedade de Antônio Toscano Floquet, de origem italiana, mas vindo do Pará para o Acre, onde vivia desde 1901¹⁷. Apesar de denominado apenas como bar, o local era uma verdadeira casa de diversões, onde havia apresentações variadas de artistas locais e

¹⁷ FOLHA DO ACRE. Pennapolis, 09 jun. 1912, p. 3.

itinerantes de teatro, mágica e música, além de jogos, como bilhar, dança, bebidas, bailes, cinema e restaurante.

Existente na cidade desde, pelo menos, 1907, o bar contava com um ilustre garçom. O promotor do Ministério Público, bacharel Santa Rosa, quando não despachava, trabalhava no bar, o que horrorizava o prefeito da cidade, Plácido de Castro. Pois, segundo ele, ao servir em um bar, vestindo trajes adequados à função, o promotor se expunha ao ridículo, se esquecendo da decência que lhe impunha o cargo que ocupava no Ministério Público (Klein, 2013, p. 187). Santa Rosa, assim como o importante empresário seringalista Neutel Maia, era sócio do bar. Essas relações de pessoas importantes da cidade com a casa de diversões, evidenciam o prestígio do lugar, que era espaço privilegiado das sociabilidades em Rio Branco.

Outras figuras importantes frequentavam o estabelecimento, como grandes proprietários e comerciantes da cidade, funcionários públicos e militares do exército. Era a esse público, que os anúncios do estabelecimento se dirigiram:

Imagen 2



Fonte: Folha do Acre, 19 fev. 1911, p. 3.

Nas noites de espetáculos, era possível notar a presença feminina tanto na plateia como no palco, como artistas. Na festa de comemoração da Proclamação da República Portuguesa, em 1912, elas se fizeram notar por embelezarem a festa (Klein, 2013, p.

189). Vale lembrar que as mulheres eram minoria na composição da população da cidade à essa época, representavam 31% dos habitantes (IBGE, 1927).

Em agosto de 1910, foram encenadas por artistas amadores da cidade duas peças, o drama *Amor Fatal* e a comédia *Artista Genial*¹⁸. Em outubro do mesmo ano, foi anunciada com entusiasmo a chegada ao Acre, do artista Frontino Santiago, que se dizia “cançonetista, tenor cômico e transformista”.¹⁹ Ele realizou uma série de três apresentações no Bar Acreano, em comemoração ao advento da República, sendo que na segunda apresentação, contou com a participação de duas artistas amadoras, Luiza Rosa e Beatrice Bressler.

Este foi o espetáculo que contou com maior repercussão na imprensa, mas não devido a seu teor ou qualidade, e sim devido ao preço cobrado pelo ingresso, que custou aos expectadores dez mil réis, o equivalente a duas entradas nas *sessões chiques* do cinema. Ainda assim, o espetáculo contou com grande público que, como forma de manifestar seu desagrado com a situação, negou aplausos ao artista, apesar de o mesmo ter apresentado “belos trechos musicais” ao piano, “cantando com boa voz e mostrando-se realmente um ator no palco”²⁰. A plateia, todavia, não negou aplausos às duas artistas convidadas.

O sucesso das apresentações de Frontino Santiago se fez sentir, alterando a dinâmica da cidade, ao demandarem a extensão dos serviços de bonde – a embarcação que fazia o transporte da população de uma margem à outra do rio Acre – e de charrete para os bairros mais afastados do centro da cidade, para permitir a participação de pessoas que residiam em locais mais distantes do Bar Acreano²¹.

¹⁸ FOLHA DO ACRE. **Bar Acreano.** Cidade da Empreza, 21 ago. 1910, p. 4.

¹⁹ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 30 out. 1910, p. 3.

²⁰ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 13 nov. 1910, p. 3.

²¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 13 nov. 1910, p. 3.

No ano seguinte, além de artistas locais, outros artistas itinerantes se apresentaram no bar como Emma Biari, Alley, Lily Candini, Clementino Santos²² e Piêrio Cordeiro²³, com programas variados. Ainda em 1911, Frontino Santiago retornou a Rio Branco e, junto a Piêrio Cordeiro, organizou apresentações teatral e cinematográfica, além de um número de mágica e uma “esplendida serata”²⁴. Tais artistas chegavam à Rio Branco depois de se apresentarem nas cidades do Amazonas, Manaus, Belém e Senna Madureira.

O Bar Acreano foi o lócus das primeiras exibições cinematográficas da capital acreana, ocorridas em 1911, por intermédio do empresário e fotógrafo Piêrio Cordeiro. Nesse mesmo ano, o proprietário do empreendimento, Antonio Toscano Floquet, expandiu o negócio para o ramo dos restaurantes, apresentando um “esplendido cardápio”²⁵ e oferecendo um baile de inauguração.

O carnaval acreano de 1911 contou com festejos durante quatro dias, “vários bobos andaram mascarados pelas ruas da Empreza²⁶. Alguns deles cavalgavam estropiados bucéfalos. Em compensação, o jogo de confetes entre as famílias, e os lança-perfumes constituíram uma bela e animada folia”²⁷. No dia seguinte, saíram às ruas um grupo de mascarados “divertidos de bom gosto”²⁸. Já na terça-feira, “gentis senhorinhas se fantasiaram ostentando galhardas *toilettes*. Vários rapazes do bom tom andaram mascarados, dizendo algumas pilhérias de espírito”²⁹. À noite, ocorreram diversos bailes. No hotel 6 de Agosto, ocorreu um baile à fantasia, e no Bar Acreano,

²² FOLHA DO ACRE. **Theatraes**. Cidade da Empreza, 12 fev. 1911, p. 2.

²³ FOLHA DO ACRE. **Theatraes**. Cidade da Empreza, 16 jun. 1911, p. 3.

²⁴ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 04 jun. 1911, p. 3.

²⁵ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 22 out. 1911, p. 2.

²⁶ Antes de se chamar Rio Branco – em homenagem ao Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores brasileiro que contribuiu para a anexação do território do Acre ao Brasil –, a cidade se chamava Empreza, pois esse era o nome do seringal localizado onde se fixou a prefeitura da cidade.

²⁷ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 26 fev. 1911, p. 2.

²⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 26 fev. 1911, p. 2.

²⁹ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 05 mar. 1911, p. 2.

uma festa dançante. Deste modo, percebemos que o bar compunha o calendário festivo da cidade, se constituindo em importante ponto de sociabilidade.

O bar contava com salão de danças³⁰ e também com

um salão com quatro grandes mesas de bilhar, um palco para apresentações artísticas, em geral, armações para iluminação e um balcão com bebidas variadas. atrás do salão havia uma sala com três jogos de mesas com cadeiras, carteado, roletas e um mostruário completo de armas à venda com rifles, espingardas e revólveres. Em um espaço mais reservado, Toscano Floquet, quando vivo, atendia os cavalheiros da cidade com uma barbearia completa e em uma mercearia mantinha a venda de secos, molhados, arroz e feijão moídos. Nesse estabelecimento o falecido mantinha inclusive uma pequena fábrica de balas artesanais com tornos, serras, lâminas de cobre, ferro e chumbo. Havia estoque de balas para revolveres, espingardas e rifles de tiro rápido (Klein, 2013, p. 186).

Era comum nessa época, a realização de divertimentos em homenagem a pessoas, datas ou instituições importantes para o público local, até mesmo os artistas itinerantes empregavam essa estratégia, como forma de se conectar ao público, adquirirem prestígio e visibilidade. Datas cívicas nacionais, como a proclamação da república e a declaração da independência, eram anualmente celebradas; o aniversário da república portuguesa, a revolução acreana, as colônias portuguesa e síria, a comunidade maçônica, o jornal Folha do Acre e até mesmo a Tomada da Bastilha, em Paris, contavam com a realização de divertimentos em sua homenagem. Eram festas, banquetes, bailes, teatro, cinema, desfile, queima de foguetes, salva de tiros, almoço, sessão cívica, corridas hípicas e, mais tarde, outros esportes.

O Bar Acreano movimentava a cena da cidade e, apesar de possuir vários investidores e um ilustre garçom, a morte de Toscano Floquet levou ao fechamento do lugar. Um de seus investidores, Neutel Maia, logo do fechamento do bar, inaugurou um novo empreendimento no ramo dos divertimentos, o *Empreza Club*, que não contava

³⁰ FOLHA DO ACRE, 29, nov. 1919, p. 3.

com a diversidade de manifestações culturais do Bar Acreano, mas ao contrário, era dedicado apenas aos jogos.

Considerações Finais

Exatamente quando o mercado da borracha iniciava seu declínio, em 1910, as corridas hípicas começaram a ser realizadas na capital acreana. O fato de os planos de construção de um hipódromo nunca terem se concretizado, não pode ser creditado apenas à crise, mas também ao fato de as corridas de cavalos não terem se consolidado na cidade, deixando de acontecer já em 1913. Não há notícias da importação de cavalos, ainda que os envolvidos com as corridas fossem ricos empresários da cidade. Houve, por outro lado, a realização de páreos de burros, provavelmente para suprir a falta de animais adequados.

Além disso, no ano seguinte, e já em plena crise econômica, aconteceu a primeira e única corrida de bicicletas de que se tem notícias na cidade. O que corrobora os indícios de que não foi apenas a crise econômica, fator importante para a não consolidação das corridas de cavalo em Rio Branco, tendo em vista o alto valor das bicicletas nesse período, assim como os elevados custos para fazê-las chegar à cidade.

Apesar de os jornais dizerem sempre da presença de grande público nas corridas de cavalos, a inclusão das corridas a pé em seus programas pode ser um indício da necessidade diversificação e de atrativos para fazer o público comparecer. Ainda que essas primeiras iniciativas esportivas em torno das corridas hípicas, pedestres e de bicicletas, não tenham levado à estruturação do campo esportivo na cidade, elas se constituíram em oportunidades de diversão para seus moradores, dinamizaram a cena

local, além de terem contribuído para a construção da ambiência e das condições materiais para o seu desenvolvimento mais tarde.

O Bar Acreano também colaborou para tal dinamização, pois além de oferecer divertimentos mais comumente presentes em estabelecimentos dessa natureza, como bebidas e jogos, ele se constituiu como uma casa de diversões com variada programação. Além de palco para as primeiras apresentações de teatro da cidade, foi também aí que se deram as primeiras sessões de cinema, demonstrando sua vocação para as artes.

Palco para música, teatro, mágica, bailes, cinema e festas, o Bar Acreano oferecia ainda um restaurante, e apesar de desejar ser frequentado pela elite local, a quem se dirigia em seus anúncios, também recebia a população em geral, que se deslocava de bairros afastados para se divertir em suas programações. A crise econômica também parece não ter repercutido sobre as atividades do bar, que somente tiveram fim com a morte de seu proprietário.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Maria José. **Invenções do Acre** – de Território a estado - um olhar social... São Paulo. USP. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História. Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – SP, 2006.

BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia**: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização. Porto Alegre: Quattro Projetos, 2012.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo. **'A fundação do Acre'**: um estudo sobre comemorações cívicas e abusos da história. 2014. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

FONSECA, Cassio. **A economia da borracha**: aspectos internacionais e defesa da produção brasileira. Comissão executiva de defesa da borracha. Rio de Janeiro, 1950.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico do Brasil, 1908/1912**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Diretoria Geral de Estatística, v.1, t.3, 1927. Disponível em:
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1908_1912_v3.pdf.
Acesso em: 20 jan. 2025.

KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre:** economia, política e representações (1904 - 1945). 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MELO, Hildete; MARQUES, Teresa. Imigrantes portugueses no Brasil a partir dos recenseamentos populacionais do século xx: um estudo exploratório de gênero. **Revista Gênero**, v. 9, n. 1, 2008.

MENEZES, Maria Lucia Pires; FERNANDES, Nelson da Nobrega. As capitais do acre: a cidade e os poderes. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 9, n. 194, 2005.

PEREIRA, E.; SILVA, C.; MAZO, Janice. O turfe em Porto Alegre/Rio Grande do Sul: aspectos históricos de uma prática cultural esportiva. **Lecturas Educación Física y Deportes** (Buenos Aires), v. 15, p. 1-15, 2010.

PONTES, Carlos. O primeiro ciclo da borracha no acre: da formação dos seringais ao grande colapso. **Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre**, v.1, n.1, p. 107-123, 2014.

SANTOS, Flávia da Cruz. Primeiras experiências esportivas na capital paulista (1854-1875). **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 1-20, jan./jun. 2023.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. v.3. São Paulo: TA Queiroz, 1980.

SILVA, Elizabete Santos da. **A crítica da vida cotidiana no Acre contemporâneo: uma análise das crônicas e artigos dos jornais do Acre**. 2019. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

SOBRINHO, José Moreira Brandão Castelo Branco. Caminhos do Acre. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 196, p. 74-225, 1947.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia:** expansão e decadência (1850-1920). Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

FONTES

FOLHA DO ACRE, 29, nov. 1919, p. 3.

FOLHA DO ACRE. **Bar Acreano**. Cidade da Empreza, 21 ago. 1910, p. 4.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 04 jun. 1911, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 05 mar. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 08 out. 1911, p. 1.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 13 nov. 1910, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 21 ago. 1910, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 21 mai. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 22 out. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 24 set. 1911, p. 1.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 26 fev. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 30 out. 1910, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Pennapolis, 09 jun. 1912, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 04 abr. 1915, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 12 jul. 1914, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 13 nov. 1910, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 jul. 1912, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 jun. 1912, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 jul. 1912, p. 1.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 25 abr. 1915, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 26 fev. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. **Theatraes**. Cidade da Empreza, 12 fev. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. **Theatraes**. Cidade da Empreza, 16 jun. 1911, p. 3.

Endereço das Autoras:

Joyce Nancy da Silva Corrêa
Endereço eletrônico: joycedga@hotmail.com

Flávia da Cruz Santos
Endereço eletrônico: lacruz.santos@gmail.com